

**Gradualidade, uma constante na Semântica Argumentativa**

---

Gradualité, une constante dans la Sémantique Argumentative

**Tânia Maris de AZEVEDO\***

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS/BRASIL

**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo analisar o conceito de *gradualidade*, criado e desenvolvido pela Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot e colaboradores. Esse conceito foi inicialmente divulgado em 1973, quando da publicação francesa de *La preuve et le dire*, de Ducrot, no capítulo 13, *Les échelles argumentatives*, e permanece, é o que tentarei mostrar neste estudo, ao longo das várias versões da *Teoria da Argumentação na Língua*, incluindo a última, a *Teoria dos Blocos Semânticos*. A *gradualidade* é uma relação semântica estabelecida entre palavras, no âmbito do sistema linguístico, a qual fortalece ou enfraquece argumentativamente as expressões assim relacionadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica Argumentativa. Conceito de *gradualidade*. Evolução do conceito.

---

\*Sobre a autora ver página 96.

### RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est celui d'analyser le concept de gradualité, créé et développé par la Sémantique Argumentative, de Oswald Ducrot et collaborateurs. Ce concept a été initialement divulgué en 1973, lors de la publication française de *La preuve et le dire*, de Ducrot, dans son treizième chapitre, *Les échelles argumentatives*, et il demeure, c'est ce que j'essaierai de montrer dans cette étude, au long des différentes versions de la *Théorie de l'Argumentation dans la Langue*, y incluse la dernière, la *Théorie des Blocs Sémantiques*. La gradualité est une relation sémantique établie entre des mots, dans le domaine du système linguistique, qui renforce ou affaiblit argumentativement les expressions ainsi reliées.

MOTS-CLÉS: Sémantique Argumentative. Concept de gradualité. Evolution du concept.

## 1 Algumas considerações

Desde que comecei a estudar a *Teoria da Argumentação na Língua* (TAL), à época de Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, um dos conceitos que mais chamou a minha atenção pela aplicação feita à significação linguística foi o de *gradualidade*, até porque nunca havia pensado que a língua previsse em seu sistema algumas palavras capazes de conferir maior ou menor força argumentativa aos enunciados e discursos realizados pela atualização<sup>1</sup> desse sistema.

Era comum a mim, como graduada em Letras, estudar morfologicamente advérbios de intensidade, por exemplo, que, como o próprio nome diz, intensificam os substantivos e verbos que “acompanham”, mas, além de essa ser uma função apenas desse tipo de advérbio, a preocupação maior era a de identificá-los e classificá-los, não de fixar o olhar e tentar entender a alteração de sentido que provocam.

Ao iniciar o mestrado, seis anos após a conclusão da graduação, fui apresentada à TAL e, na versão intitulada *Teoria dos Topoi<sup>2</sup>, à relação de gradualidade*. Desde aí, no decorrer dos estudos de pós-graduação

<sup>1</sup> *Atualização* tem aqui o sentido de *colocação em ato*.

<sup>2</sup> Deixo para mais adiante explicar detalhadamente essa versão da TAL; por ora basta dizer que *topoi* é o plural grego de *topos*, trazido de Aristóteles por Ducrot e definido como *lugar comum argumentativo*.

*stricto sensu* e de minhas pesquisas, sempre quis buscar investigar mais profundamente essa noção e como ela evoluiu junto com a Teoria<sup>3</sup> que integra. Pois bem, é chegada a hora e a oportunidade de tentar ao menos começar essa investigação.

Nesse sentido, no presente artigo, pretendo examinar como o conceito de *gradualidade* é abordado por Ducrot em três momentos que considero marcantes de sua trajetória teórico-metodológica em semântica linguística: (a) nos estudos publicados originalmente na obra *La preuve et le dire*, em 1973, mais especificamente, no capítulo XIII, *Les échelles argumentatives*<sup>4</sup>; (b) na segunda versão da TAL, a *Teoria dos Topoi*, em parceria com Jean-Claude Anscombe; e (c) na última versão da TAL, a *Teoria dos Blocos Semânticos*, com a colaboração de Marion Carel.

Por que considero “marcantes” esses três, digamos, estágios evolutivos? Explico. No texto em que trata das escalas argumentativas é que Ducrot lança, por assim dizer, o conceito de *gradualidade* (nesse período o autor ainda está bastante vinculado à escola anglo-saxã, de Austin, com sua *Teoria dos atos de fala*, e aos estudos da lógica aplicada à linguagem). Quando formulam a *Teoria dos Topoi*, Ducrot e Anscombe, propõem que uma das propriedades do *topos* seja justamente seu caráter gradual, o que demonstra que no âmbito dessa Teoria o conceito de *gradualidade* assume papel fundamental. E a *Teoria dos Blocos Semânticos*, versão atual das pesquisas de Ducrot e Carel, traz novamente à discussão a gradualidade aplicada à significação das palavras.

Respeitando os limites próprios de um artigo como este, restringir-me-ei a examinar o conceito de *gradualidade* em quatro textos de Oswald Ducrot, que me servirão de base aqui e correspondem aos períodos teórico-metodológicos já mencionados: *As escalas argumentativas* (1981, p. 178-228); *Argumentação e “topoi” argumentativos* (1989, p. 13-38); a *Quarta conferência*, realizada, por Ducrot, em Cali – Colômbia, destinada à apresentação da *Teoria dos Topoi* (1990, p. 98-115); e a quarta conferência

<sup>3</sup> Para evitar repetições desnecessárias, quando empregar “Teoria”, ou algo congêneres, estarei me referindo à *Teoria da Argumentação na Língua* na sua totalidade, não a uma de suas versões em específico.

<sup>4</sup> Publicada no Brasil em 1981, sob o título *Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas*, cujo capítulo XIII – *As escalas argumentativas*, servir-nos-á de fundamento neste artigo.

igualmente ministrada por Ducrot em Buenos Aires e publicada sob o título *Los efectos semánticos de las operaciones sintácticas* (2005, p. 91-112).

Antes, porém, de tratar propriamente do objeto de estudo deste artigo, preciso tecer alguns comentários (muito sucintos e superficiais) sobre as bases teóricas da TAL e alguns de seus conceitos fundantes.

Começo por lembrar o leitor de que Ducrot e seus colaboradores são, como ele mesmo diz reiteradas vezes, radicalmente saussurianos, o que quer dizer que as oposições metodológicas propostas por Saussure (*língua/fala, relações associativas/combinatórias, significante/significado*, só para citar algumas), os conceitos de *valor, relação, diferença* e o *princípio da imanência* são alicerces da *Teoria da Argumentação na Língua*, desde suas primeiras formulações. O próprio nome da Teoria, que encerra sua tese fundamental – *a argumentação está na língua* – já explicita sua filiação saussuriana: a argumentação é constitutiva do sistema linguístico (como o define Saussure), mais especificamente, da significação das palavras e das frases desse sistema.

Sustentado pelas oposições metodológicas saussurianas, Ducrot<sup>5</sup> propõe aquelas que vão compondo as várias versões da TAL e que serão aqui descritas oportunamente, assim como *material linguístico/realização linguística, frase/enunciado, texto/discurso, sentido/significação*. Além disso, Ducrot vai construir em sua Teoria conceitos de base nitidamente saussuriana, como os de *valor argumentativo, escala argumentativa, encadeamento argumentativo, entidade abstrata e entidade concreta, bloco semântico*, tratados adiante na medida do que for necessário<sup>6</sup>.

Sinto-me no dever de esclarecer ainda que, dada a evolução da TAL, por óbvio, nem sempre seus conceitos foram utilizados com o mesmo sentido que o são hoje, tampouco distinguidos como atualmente. Digo isso, porque, pelos limites impostos por esta publicação, não poderei chamar a atenção nem explicar todos os empregos dos construtos ducrotianos.

<sup>5</sup> Novamente, com o intuito de que o leitor não se canse de tantas repetições, quando referir Ducrot, leia-se, conforme a versão da Teoria, Ducrot e Anscombe, ou Ducrot e Carel.

<sup>6</sup> Para maiores aprofundamentos sobre os conceitos e as oposições metodológicas constituintes da TAL, ver, ao menos: Ducrot (1984 e 2005), Azevedo (2006 e 2012); e Flores et al. (2009).

## 2 Escalas argumentativas e gradualidade

No capítulo XIII de *Provar e dizer* (1981), Ducrot, sem diferenciar explicitamente *frase* de *enunciado*, começa por apresentar a noção de *valor argumentativo*, afirmando que este não é o resultado do conteúdo informativo de uma frase (como queriam as investigações lógicas sobre a linguagem, desde a perspectiva referencialista e representacional dos estudos de semântica), mas diz respeito à orientação argumentativa dada por certos morfemas, termos ou expressões ao enunciado, refere-se à orientação que guia argumentativamente o destinatário num ou noutro caminho para compreender e interagir com o enunciado a ele dirigido.

Desde essa época a tese da Teoria era assim formulada: “a utilização argumentativa da língua, longe de lhe ser sobreposta, está nela inscrita, é prevista em sua organização interna.” (DUCROT, 1981, 180). Ora, aqui já se pode ver claramente a filiação saussuriana da TAL, como já referido, e, aliando essa tese à noção de *valor argumentativo*, percebe-se que, por essa tese, a relação entre as entidades que constituem a língua, “sua organização interna”, vai conferir sentido às realizações (enunciados e discursos) dessa língua.

Nesse período, Ducrot acredita que a significação de uma entidade linguística está na orientação conferida pelos argumentos a uma conclusão. Assim, o autor (1981, p. 180) define *classe argumentativa* como o “conjunto de argumentos  $p$  e  $p'$  em favor de uma mesma conclusão  $r$ ”.

Pode parecer no mínimo estranho ao leitor esse enfileiramento de definições, entretanto todos os conceitos definidos são imprescindíveis para que se compreenda o que Ducrot entende por *escala argumentativa* e, dedução minha, por *gradualidade* nesse texto de 1981<sup>7</sup>. Vamos, então, à inter-relação desses conceitos.

Ducrot (1981) explica que, em uma *classe argumentativa*, o locutor ordena as frases  $p$  e  $p'$ , considerando  $p'$  um argumento mais forte do que  $p$  em relação à conclusão  $r$ . Vejamos um exemplo.

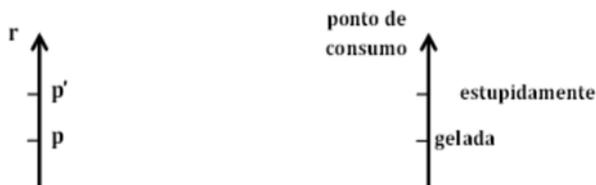
<sup>7</sup> Volto a insistir na complacência que espero do leitor para entender que não me é possível retomar neste artigo todos os raciocínios ducrotianos que entrelaçam e tornam mais inteligíveis os conceitos apresentados aqui. Mesmo correndo o risco de cometer algum equívoco em relação à Teoria, preciso expor muito breve e resumidamente os construtos que alicerçam a *relação de gradualidade*.

- (1) *A cerveja está gelada, no ponto para beber.*  
 (2) *A cerveja está estupidamente gelada, no ponto para beber.*

O locutor L cria uma ordem entre o estado da cerveja e o ponto ideal para ser consumida, ou seja:

ENUNCIADO	ARGUMENTO	CONCLUSÃO $r$
(1)	$p$ : <i>estar gelada</i>	<i>estar no ponto para beber</i>
(2)	$p'$ : <i>estar estupidamente gelada</i>	

No quadro acima é possível ver que  $p$  e  $p'$  orientam para a mesma conclusão, só que  $p'$  é um argumento mais forte do que  $p$  para o consumo da bebida. Sobre esse fenômeno de ordem argumentativa, e não lógica, Ducrot (1981, p. 181 – grifos do autor) declara: “Enunciar uma frase do tipo  $p$  ou (*e*) mesmo  $p'$ , é sempre pressupor que existe um certo  $r$ , que determina uma escala argumentativa em que  $p'$  é superior a  $p$ .”. Ducrot (1981, p. 181) representa a escala pelo esquema que reproduzo abaixo à esquerda, e que aplico ao meu exemplo abaixo à direita:



Ducrot (1981) afirma parecer-lhe impossível admitir que uma conclusão sustentada em um enunciado inferior de uma escala não seja ainda melhor autorizada pelo enunciado superior da mesma escala.

Ora, quando o autor fala em “ordenação”, em “mais forte” ou em “melhor autorizada” está falando, mesmo que sem usar o termo, em *gradualidade* (embora, nesse mesmo texto, já fale em *gradação*, para distinguir o que ocorre no mundo físico do que ocorre na língua, no interior de uma escala argumentativa).

Na apresentação dessa obra de 1981, Ducrot expõe a finalidade do estudo das escalas argumentativas: “caracterizar certos enunciados

da língua por sua orientação e sua força argumentativas, isto é, pelo tipo de conclusões a que se *considera* que eles possam conduzir e pelo peso que *pretendem* dar as suas conclusões.” (DUCROT, 1981, p. 08, grifos do autor).

Ao escrever isso e, mais especificamente, ao usar “força argumentativa” e “peso”, o semanticista me autoriza a pensar que aqui já se tenha as primeiras menções ao que, na versão da TAL chamada *Teoria dos Topoi*, ele vai denominar *gradualidade*, ou seja, à relação estabelecida entre dois enunciados de uma mesma escala argumentativa que faz com que o superior autorize melhor e mais fortemente uma conclusão do que o inferior.

Minha fascinação por esse conceito vem do fato de percebermos na linguagem cotidiana os usos que se faz da gradualidade quando se quer que nossos argumentos sejam mais eficientes na orientação à dada conclusão, haja vista os usos que a mídia faz disso para dar maior credibilidade ou conferir maior impacto a uma notícia. Exemplo disso são as manchetes do tipo *Mais de cem pessoas morreram no trânsito no último final de semana*. Com certeza, o impacto seria significativamente menor se a manchete mencionasse que foram 102 as vítimas fatais. Ora, poder explicar esse fenômeno por uma teoria que vê inscrita no próprio sistema linguístico uma argumentação cuja gradualidade determina as alterações nos sentidos produzidos pelo uso desse sistema é simplesmente fantástico.

Vamos agora à *gradualidade* vista pela *Teoria dos Topoi*, desenvolvida por Ducrot e Anscombe no final dos anos 80 e início dos 90 do séc. XX.

### 3 Os *topoi* e a gradualidade

Ducrot (1989), no texto intitulado *Argumentação e “topoi” argumentativos*, tem por objetivo dar a conhecer a *Teoria dos Topoi*, segunda versão da TAL. Como já disse, *topoi* é o plural grego de *topos*, noção aristotélica que Ducrot e Anscombe utilizam como “lugar comum argumentativo” (DUCROT, 1989, p. 13).

Ducrot (1989, p. 18) apresenta a “hipótese central” da Teoria com a seguinte formulação: “a significação de certas frases<sup>8</sup> contém instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados: a frase indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seus enunciados.”. Partindo dessa hipótese, Ducrot integra à Teoria a noção de *operador argumentativo* (OA), um tipo de morfema  $x$  que aplicado a uma frase  $p$  resulte numa frase  $px$  e que faça com que os enunciados de  $p$  e de  $px$  tenham valores argumentativos claramente distintos.

Consideremos o enunciado (3) *A cerveja está pouco gelada, ainda não está no ponto para beber*. Se o compararmos ao nosso exemplo anterior, o enunciado (1) *A cerveja está gelada, no ponto para beber*, veremos que as conclusões de (3) e de (1) são totalmente diferentes argumentativamente, pois em (3) o termo *pouco*, um operador argumentativo, conduz à conclusão *não-r*, isto é, ao não consumo da bebida.

Pela noção de *operador argumentativo* novamente se pode perceber o caráter gradual de determinados morfemas e expressões da língua. Representando em uma escala o que ocorre em (1) e (3) teríamos:



A partir daí, e do conceito de *força argumentativa*, Ducrot explica a introdução dos *topoi* na TAL. Para o autor, “o *topos* é um princípio argumentativo e não um conjunto qualquer de argumentos. O *topos* é, para mim, uma garantia que assegura a passagem do argumento à conclusão.” (DUCROT, 1990, p. 102 – tradução minha). Assim definido, segundo o autor, um *topos* tem três características: (a) é *comum*, no sentido de ser

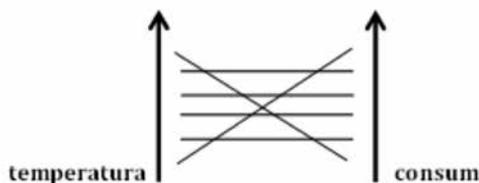
<sup>8</sup> Preciso dizer que nas primeiras páginas desse texto Ducrot define e explica a terminologia que vem empregando e, então, distingue *frase* – entidade linguística abstrata de nível simples, do âmbito da *língua* em Saussure – de *enunciado* – entidade linguística concreta de nível simples, realização da *frase*, pertencente ao âmbito da *fala*, na concepção saussuriana.

compartilhado, no mínimo, pelos interlocutores numa dada situação de discurso; (b) é *geral*, uma vez que precisa ser considerado válido para um grande número de situações discursivas semelhantes; e (c) é *gradual*, já que põe em relação duas escalas argumentativas, duas gradações, entre as quais estabelecem uma “correspondência ‘uniforme’ [...], quando se percorre uma das escalas, percorre-se também a outra, e [...] o sentido no qual se percorre uma implica um certo sentido para o percurso na outra. Por exemplo, quanto mais se sobe na primeira, mais se desce na segunda... etc.” (DUCROT, 1989, p. 26).

De volta ao nosso exemplo.

(1) *A cerveja está gelada, no ponto para beber*

Em (1) tem-se o argumento *a*, que fala da temperatura da cerveja, e a conclusão *c*, que diz do ponto de consumo dessa bebida. A passagem de *a* a *c*, pela *Teoria dos Topoi*, é garantida por um *topos* como *cerveja gelada é ideal para o consumo*, que coloca em correspondência duas escalas, uma da temperatura e outra do consumo:



Ducrot (1990, p. 108 – tradução minha) confere à gradualidade duas características: “a) o antecedente e o conseqüente do *topos* são graduais, b) a relação entre o antecedente e o conseqüente é também gradual.” E acrescenta que “a cada grau do antecedente corresponde um grau do conseqüente.” (DUCROT, 1990, p. 108 – tradução minha).

Vejam essas duas características no exemplo dado. Pela primeira propriedade da *gradualidade*, temos que tanto a temperatura quanto o consumo são graduais, o que se aplica perfeitamente. Quanto à segunda

particularidade, a relação entre temperatura e consumo também deve ser gradual, o que novamente se aplica, basta rever os enunciados (1), (2) e (3): na medida em que a temperatura da cerveja sobe, o consumo fica menos favorecido.

Penso ser pertinente, para mais uma vez atestar o caráter fundamental do construto *gradualidade* na TAL, o que Ducrot (1990, p. 109-110 – tradução minha) responde quando ele mesmo se pergunta “O que faz um enunciador quanto argumenta?”. Para esse semanticista (DUCROT, 1990, p. 109-110 – tradução minha), o enunciador faz dois “movimentos” hierarquicamente sucessivos: (a) escolhe um *topos*, e (b) “situa o estado de coisas de que fala em um certo grau da escala antecedente do *topos*. Este segundo ponto significa que o enunciador dá um certo grau de argumentatividade, fraco ou forte, a seu argumento.”. Então, o caráter gradual do *topos* evocado por um enunciado é decisivo no que tange ao sentido desse enunciado.

Ora, o *topos*, segundo Ducrot (1990, p. 113 – tradução minha) é o lugar comum argumentativo que garante a passagem do argumento à conclusão, constituindo o sentido de um enunciado, para que o interpretante do enunciado possa compreender o que “o argumentador quer fazer admitir.”. A propriedade gradual do *topos*, consoante o que posso conjecturar, vai permitir, por um lado, que o locutor escolha um *topos* cujo grau confira maior ou menor força argumentativa aos argumentos que usar e, por outro lado, que o interpretante perceba e compreenda a força argumentativa impressa pelo locutor a um enunciado, ou seja, a *gradualidade* do antecedente e do conseqüente do *topos*, bem como da relação entre eles possibilitar-lhe-á entender e aceitar ou não o que diz o locutor em seu enunciado.

Com a finalidade de apoiar a tese da *gradualidade* dos *topoi*, Ducrot desenvolve a noção de *forma tópica*. Segundo ele (1990, p. 128-129 – tradução minha), do fato de um *topos* estabelecer entre duas escalas uma relação gradual resultam as duas formas, “rigorosamente equivalentes do ponto de vista lógico”, que cada *topos* pode ter. Conforme Ducrot (1990, p. 128-129 – tradução minha – grifos do autor), “o topos T: ‘P é um fator favorável a Q’, tem duas formas tópicas, a saber:  $F\Gamma_1$  ‘quanto

mais P, mais Q'; e FT<sub>2</sub> 'quanto menos P, menos Q'. A essas duas formas chamo *formas tópicas recíprocas*, linguisticamente diferentes, mas logicamente equivalentes.”.

A fim de dar conta da relação gradual entre duas escalas, Ducrot (1990, p. 129 – tradução minha) propõe: “se tenho duas escalas graduais P e Q, com essas escalas posso construir dois topoi que chamarei contrários, cada um desses dois topos tem duas formas equivalentes entre si a que chamo as formas tópicas do mesmo topos.”.

Acredito ter demonstrado a importância da noção de *gradualidade* na *Teoria dos Topoi* e que configuração ela recebe nessa versão da *Teoria da Argumentação na Língua*. No próximo item pretendo tratar desse construto teórico na versão mais atual da Teoria, a *Teoria dos Blocos Semânticos* (TBS).

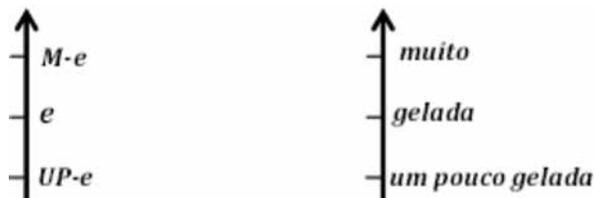
#### 4 A gradualidade na TBS

Ao final dos anos 90, do século passado, Ducrot, agora com a colaboração de Marion Carel, elabora, em substituição à *Teoria dos Topoi*, a *Teoria dos Blocos Semânticos*. Por que “em substituição”? Pelo fato de querer se manter fiel aos pressupostos saussurianos e, por isso, ter chegado à conclusão de que um *topos* não é intra, mas extralinguístico, além de ter percebido que não é o argumento que determina o sentido da conclusão, ou, o contrário, a conclusão que determina o sentido do argumento; na verdade, há entre os dois segmentos de um encadeamento argumentativo uma relação de interdependência semântica, uma vez que atualiza um *bloco*, unitário e indivisível de significação. Eis aqui a tese da TBS<sup>9</sup>.

Dado que a *gradualidade* foi proposta como uma das propriedades de um *topos*, assim como das relações entre *topoi*, e com a “revolução” causada pela TBS na TAL, pode o leitor pensar que a *gradualidade*, como “ferramenta” teórico-metodológica, tenha sido banida da Teoria. No entanto, Ducrot (2005) – no livro que reúne as conferências ministradas por ele e Carel, em Buenos Aires, em 2002 – dedica uma sessão da quarta conferência – *Los efectos semânticos de las operaciones sintácticas* – à *gradualidade*.

<sup>9</sup> Para maior aprofundamento na TBS, o que me é impossível aqui, ver, entre outros, Carel e Ducrot (2005) e Azevedo (2006 e 2012).

Nesse texto, o semanticista começa por apresentar uma definição geral do fenômeno, ao dizer que, considerando as expressões empregadas para qualificar um objeto<sup>10</sup>, diversas línguas possuem morfemas do tipo de *muito M*, e que aplicar *M* a uma expressão *e*, logo *M-e*, confere o mesmo tipo de qualificação ao objeto, só que mais forte. Por outro lado, continua ele, há expressões do tipo de *um pouco UP*, de tal modo que *UP-e* atribui ao objeto uma qualificação menos forte que *e*. Segundo Carel e Ducrot (2005, p. 103 – tradução minha, grifos do autor), “existe uma relação de gradualidade entre *UP-e* e *M-e*.” Essa relação pode ser representada pelo esquema abaixo à esquerda e, aplicada ao meu exemplo, pelo esquema abaixo à direita.



Não obstante, Carel e Ducrot (2005, p. 103, tradução minha, grifos do autor) afirmam que essa descrição de *gradualidade* é proibida pela TAL, visto que recorre a propriedades extralinguísticas para descrever palavras da língua, “temos que descrever o sentido de *M-e* e de *UP-e* como um conjunto de discursos argumentativos definidos a partir de *Xy* de *Y* da AI [Argumentação Interna<sup>11</sup>] de *e*.”

Então, a descrição semântica da *gradualidade* de *M-e* e *UP-e*, pela TBS, é, de acordo com Carel e Ducrot (2005, p. 104, tradução minha, grifos dos autores): “se *e* tem como AI um aspecto *X CON Y*, a AI de *M-e* tem como aspecto *X' CON Y'*, no qual *X'* é construído a partir de *X* e *Y'* a partir de *Y*.”

Vou tentar aplicar essa descrição ao exemplo com que venho trabalhando neste artigo. Consideremos *e* o termo *gelado*, cuja AI é um

<sup>10</sup> Objeto aqui como *algo a ser qualificado*, não como um objeto do mundo físico.

<sup>11</sup> *Argumentação interna* é definida em Flores et al. (2009, p. 51) como “encadeamento argumentativo que parafraseia uma entidade lexical”.

encadeamento como *frio*  $t_0$  DC<sup>12</sup> *glacial*  $t_1$ ; uma vez que se trata de uma mudança de temperatura, logo a variável *tempo*  $t$  é indispensável na argumentação interna de  $e$ .

*M-e* é, então,  *muito gelado*  $e$ , pela descrição dada por Ducrot, teria como AI *um pouco frio*  $t_0$  PT *glacial*  $t_1$ , ou seja, “reforço  $e$  [...] diminuindo o termo  $X$  de sua AI” (CAREL;DUCROT, 2005, p. 104, tradução minha, grifos do autor).

Carel e Ducrot (2005, p. 104) alertam para o fato de que a *gradualidade* se expressa de forma totalmente diferente nas palavras do tipo  $M$  sobre  $e$  conforme a AI de  $e$  seja normativa ou transgressiva, isto é, em DC ou em PT, respectivamente.

Como já foi descrito e exemplificado o caso da palavra normativa, aquela cuja AI é do tipo  $X$  DC  $Y$ , vejamos como se comportam as palavras transgressivas – cuja AI é do tipo  $X$  PT  $Y$  – quanto à *gradualidade* pela TBS.

Voltando a Carel e Ducrot (2005, p. 106, tradução minha, grifos do autor), temos: “Se a AI de  $e$  é do tipo  $X$  PT  $Y$ , diremos que a AI de  $M-e$  pode ser do tipo  $M-X$  PT  $Y$ .”

A título de exemplo, Carel e Ducrot (2005, p. 106) utilizam *inteligente* como uma palavra transgressiva. A AI de *inteligente* é *difícil* PT *compreende*. Para qualificar alguém como *muito inteligente*, segundo a descrição da TBS, basta dizer que, mesmo diante de um problema muito difícil, a pessoa *muito inteligente* o compreende, logo ter-se-á a AI de *muito inteligente* como  $M-difícil$  PT *compreende*.

Carel e Ducrot (2005, p. 106) dizem ainda que, para descrever os efeitos de uma expressão do tipo de *um pouco* UP sobre  $e$ , basta utilizar os procedimentos acima, só que de forma inversa.

Por ora, é assim que a TBS trata a *gradualidade*, uma das noções que permeia a Teoria desde suas primeiras formulações.

<sup>12</sup> Utilizo aqui os conectores e suas abreviaturas em francês, como Ducrot os usa, por se tratar de *tipos* de conector, como mais um construto teórico da TAL. Assim, DC é a abreviatura de DONC (equivalente a *portanto*, em Português) e PT, de POURTANT (correspondente a *no entanto*, em Português).

## 5 Mais algumas considerações

Finalizando este estudo, um percurso sobre a *gradualidade* no escopo da *Teoria da Argumentação na Língua*, gostaria de enfatizar o caráter fundamental desse conceito na descrição da significação das entidades de um sistema linguístico.

Pelo que conheço (e é muito pouco, com certeza), a TAL é uma das poucas teorias semânticas (gostaria de poder afirmar que é a única) a explicar o sentido gradual do uso de morfemas e expressões linguísticas e os efeitos dessa relação no dizer e no dito.

Como bem diz o mestre parisiense:

os fatos nas ciências humanas são cebolas infinitas, pois assim como a cebola tem várias capas sobrepostas os fatos nas ciências humanas têm múltiplos níveis que se sobrepõem. A ideia fundamental é que nas ciências humanas o número de revestimentos é infinito. Nunca se termina. O problema principal para o cientista é demonstrar que o revestimento retirado em sua segunda análise é mais profundo que o suprimido na primeira, ou seja, que seria possível explicar o que ocorre na primeira casca a partir da segunda, mas não o contrário, pois existe uma ordem nas cascas. (DUCROT, 1990, p. 127 – tradução minha).

O que fiz aqui foi reunir as “cascas” retiradas da *gradualidade* por Ducrot e seus colaboradores e mostrar que, mesmo a TBS tendo conseguido explicar melhor essa relação do que a primeira e a segunda versões da TAL e de forma mais próxima dos pressupostos saussurianos, como é sempre o objetivo maior de Ducrot, é possível que haja outras “cascas” a serem retiradas, uma vez que não se pode pôr em discussão a complexidade da linguagem, mais particularmente, da significação da língua.

Uma das “cascas” que ainda vejo, e por enquanto não me sinto em condições de remover, é a que diz respeito à relação gradual entre os enunciados na constituição do sentido dos discursos de uma língua. Essa é uma empreitada para outro momento.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Tânia Maris de. **Em busca do sentido do discurso: a semântica argumentativa como uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso.** Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

AZEVEDO, Tânia Maris de. A semântica argumentativa: a teoria e seu potencial para a pesquisa e o ensino. In: Maria da Glória Corrêa di Fanti; Leci Borges Barbisan. (Org.). **Texto, enunciação e discurso.** 1ed., São Paulo: Editora Contexto, 2012, v. , p. 166-187.

CAREL, Marion e DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos.** Edição literária e tradução de María Marta G. Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

DUCROT, Oswald. **Provar e dizer: linguagem e lógica.** São Paulo: Global, 1981. Edição original: 1973

DUCROT, Oswald. Enunciação. In **Enciclopédia EINAUDI: Linguagem-Enunciação.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. v. 2, Linguagem – Enunciação, p. 368-393.

DUCROT, Oswald. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.) **História e sentido na linguagem.** Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUCROT, Oswald. *Polifonia y argumentación* – conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali, Universidad del Valle, 1990.

FLORES, Valdir do Nascimento et al (Org.). **Dicionário de linguística da enunciação.** São Paulo: Contexto, 2009.

*Recebido em março de 2015.*

*Aceito em maio de 2015.*

---

## SOBRE A AUTORA

A professora **Tânia Maris de Azevedo** possui graduação em Letras, pela Universidade de Caxias do Sul, mestrado e doutorado em Letras – Linguística Aplicada, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Desenvolveu estágio de pós-doutoramento em Educação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por meio de uma pesquisa interdisciplinar intitulada *Por uma aprendizagem significativa da língua materna: o ensino fundamentado em Ausubel e Saussure*. É professora do corpo permanente do Mestrado em Educação, do Doutorado em Letras e do Curso de Letras-Licenciatura, da Universidade de Caxias do Sul. Suas áreas de atuação em pesquisa e ensino (em cursos de graduação e pós-graduação) são, principalmente, semântica argumentativa, discurso, enunciação, leitura e produção escrita, transposição didática e prática de ensino. Atua, também, como consultora nos seguintes temas: proposta pedagógica, competências e habilidades, formação de conceitos, problematização, planejamento e avaliação educacional e ensino de língua. E-mails: [tmazeved@ucs.br](mailto:tmazeved@ucs.br)/[tania.azevedo@cnpq.br](mailto:tania.azevedo@cnpq.br)